

# Escritas utópicas, espaços distópicos nas questões de gênero, em *El país de las mujeres* de Gioconda Belli

130

**Giovanna de Araújo Leite<sup>1</sup>**

## **Introdução**

Gioconda Belli é uma autora nicaraguense, conhecida por denunciar em suas escrituras literárias as dores da mulher oprimida, exausta pelas centenárias ditaduras, corrupções e, também, dominação masculina ocorridas na Nicarágua durante o poder da família Somoza neste país. O país de Fágua é uma alegoria da Nicarágua que a autora utiliza para realizar nele todas as suas inquietações, seus questionamentos e seus cenários utópicos e distópicos.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea pelo Centro Universitário Barão de Mauá-Ribeirão Preto e Doutoranda no Programa de Literatura e Interculturalidade no PPGLI, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: giovannaleite@hotmail.com

Como afirma Zinani (2010), assuntos como ditadura, tradicionalmente considerados masculinos, são tematizados nas escrituras de mulheres que assumem revelar, através de suas ficções ou metaficções, a luta pela constituição de uma nova história, nem que, para isso, sejam empregados artificios literários sofisticados, a exemplo da superposição de planos narrativos em que se intercalam diversas temporalidades; da transposição de foco narrativo; e da utilização do fantástico, que aparecem como alegorias ou metáforas para se alcançar a visibilidade necessária pela qual as mulheres lutam na sociedade.

Dessa forma, Gioconda Belli traz a possibilidade, em sua escritura, de movimentar interpretações da ditadura em seu país, colocando o nome fictício de “Fáguas” como aquele lugar onde todas as suas angústias são postas em visibilidade, assim como as possíveis reflexões e atitudes a serem tomadas para provocar, nos leitores e leitoras, as reflexões acerca dos problemas que assolam a realidade latino-americana. A autora reescreve outra realidade neste país imaginário, a partir de situações contadas em uma história imaginária, como uma espécie de reflexão acerca das questões de gênero, classe, orientação sexual, trabalho, afetividade, gestão administrativa, entre outros pontos abordados na narrativa, sempre na tentativa de sair do plano da sociedade patriarcal, a qual a América Latina ainda enfrenta contemporaneamente.

Considerando-se, segundo Levitas (2013), que a utopia é o *não lugar*, isto é, uma ideia de práticas prefigurativas de um mundo melhor, ou, ainda, a reformulação de um mundo melhor, onde as práticas sociais e os programas políticos estão inseridos em ideais de uma boa sociedade; ao mesmo tempo, considerando-se que, segundo Moylan (2016), na utopia literária e temática, há um movimento de deslocamento e de conscientização sobre a existência de um outro lugar geográfico e discursivo sempre melhor; e, também, compreendendo que a distopia literária e temática se traduz em um mundo *piorado*, sem um movimento de deslocamento para um outro lugar qualquer; este artigo tem o objetivo geral de realizar uma breve análise das escrituras de Gioconda Belli na obra *El país de las mujeres (O país das mulheres* [2011]), observando a escritura da autora nicaraguense supracitada. Como objetivos específicos, busca-se refletir sobre a

desconstrução de uma política vertical entre os gêneros, interpretando, na obra, os aspectos da escritura utópica, aqui representados na construção narrativa de uma sociedade ideal construída por mulheres e para as mulheres, e dos espaços distópicos, aqui representados pela exclusão dos homens de todos os espaços públicos dentro da sociedade, seja o político, o administrativo, o social, o econômico, etc. Entende-se que a utopia remete a um *não lugar*, ou, ainda, a uma realidade possível e a uma crítica de uma determinada realidade com a proposição de uma realidade alternativa por meio da onipresença das mulheres em todos os setores públicos da sociedade; e, ao mesmo tempo, a distopia como uma crítica à ordem vigente em consequência da utopia criada pelas mulheres e das promessas utópicas da equidade entre os gêneros.

A pesquisa é de caráter bibliográfico, pois parte da leitura da crítica literária feminista no contexto latino-americano e, ao mesmo tempo, documental, pois realiza uma breve análise do livro supracitado, de Gioconda Belli, que é uma das produções mais instigantes de sua autoria, ficando em segundo lugar apenas para seu livro *La mujer habitada* (*A mulher habitada*).

132

### ***El país de las mujeres***

Inicialmente, é importante apresentar uma síntese da obra em estudo, escrita por Gioconda Belli, a fim de contextualizar a pesquisa vigente. A obra foi publicada na Nicarágua em meados de 2010, mas foi em 2011 que chegou ao Brasil, pela editora Verus, sob tradução de Ana Resende.

O enredo trata da narrativa em torno de uma equipe de mulheres que funda um partido intitulado *Partido da Esquerda Erótica* (PEE), sob a liderança de uma mulher chamada Viviana Sansón. Ao todo são muitas mulheres que participam desta luta, mas o grupo inicial é formado por Viviana Sansón, Rebeca de los Ríos, Ifigênia Porta, Juana de Arco, Eva Salvatierra e Martina Melendez. Elas se reúnem e conseguem levar à vitória, através de eleições democráticas para presidenta da república de Fátuas, Viviana Sansón, após anos de ditadura no país de Fátuas. Viviana Sansón consegue utilizar suas habilidades de apresentadora de TV e jornalista, utilizando os meios de comunicação para denunciar nos principais jornais

do país, a exemplo do *La Prensa*, principal periódico da Nicarágua, a notícia de que o magistrado Roberto Jimenez, principal aliado do então presidente da República, Paco Puertas, era traficante de meninas e explorador sexual das mesmas. A notícia chocou toda a população de Fátuas e, para não ter a imagem mais prejudicada em decorrência desta notícia, o então presidente, Paco Puertas, aceitou a renúncia de seu magistrado, Roberto Jimenez.

A população se revoltou exponencialmente contra o tráfico de meninas, e, paralelo a este acontecimento, o vulcão Mitre, que estava adormecido há anos em Fátuas, volta a entrar em atividade, expelindo uma fumaça tóxica que contribuiu drasticamente para que os homens deste país tivessem seu hormônio testosterona diminuído, de forma a deixá-los calmos, inertes e tranquilos e, por isso, sem discordar do que o *Partido da Esquerda Erótica* (PEE) queria: denunciar todo o contrabando de meninas naquele país e construir uma nova sociedade sob a égide da utopia do *Felicismo* em que somente as mulheres poderiam tirar o país da opressão patriarcal.

A narrativa mostra que, de acordo com os cientistas, a fumaça do vulcão Mitre estava soprando em favor das mulheres, pois estava causando um efeito anormal nos homens e, após vários exames realizados pelas frentes médicas, concluiu-se que o nível de testosterona dos homens havia diminuído para 50 ou 60 nanogramas e este hormônio masculino normalmente era de 350 a 1240 nanogramas. Neste sentido, os gases do vulcão foram responsáveis pela mansidão dos homens, os quais passaram a ser mais dóceis e suaves, e, desta maneira, em comum acordo e concordância com as mulheres, passaram a apoiar o *Partido da Esquerda Erótica* (PEE) e a se posicionar contra o governo de Paco Puertas, colocando, assim, em primeiro lugar nas estatísticas eleitorais, a candidata Viviana Sansón, que, conseqüentemente, saiu vitoriosa nas eleições à presidência de Fátuas contra o candidato do Governo vigente à época, Emiliano Monteiro.

A vitória de Viviana foi assunto principal até do Jornal norte-americano *New York Times*, que publicou Editorial exclusivo intitulado “Um novo desafio para o Governo Feminista de Fátuas”, anunciando o lamentável desempenho das administrações anteriores e a nova postura de um governo formado apenas por mulheres que passou a excluir todos os

homens dos cargos públicos e administrativos e, no lugar, a empregar apenas mulheres, determinando, desta forma, que todos os cargos do Estado, dos mais importantes aos menos significativos, fossem ocupados, única e exclusivamente, por mulheres, no sentido de eliminar toda e qualquer forma de opressão e colocar, no lugar doméstico, apenas os homens. O jornal *New York Times* conclamava os homens a discordarem de tal regra proposta pelo Governo feminista, pois, de acordo com o periódico, o (PEE) propunha a *maternização* do país, lavando-o e limpando-o para deixá-lo *reluzente* e sem *manchas* (BELLI, 2011, p. 127).

O enredo de *El país de las mujeres* é bastante fragmentado, mesclado por documentos que parecem ser históricos e, ao mesmo tempo, ficcionais, a exemplo da exposição de nomes reais de jornais da Nicarágua e dos Estados Unidos que comentavam sobre a realidade do país imaginário Fáguas e dos acontecimentos inusitados, como a prisão de todos os estupradores em jaulas expostas nos zoológicos para que se soubessem dos crimes cometidos por homens contra as mulheres. A obra também contém aspectos do realismo mágico abordado na fumaça tóxica do vulcão Mitre que chegou a diminuir os hormônios masculinos deixando os homens dóceis e meigos.

134

As narrações, presentes nesta obra de Gioconda Belli, são compostas por discursos na 1ª e 3ª pessoas do singular, assim como o discurso indireto livre, e, também, a presença de diálogos diretos entre os personagens na voz ativa.

Os acontecimentos avançam no livro, pela exposição de cenas fragmentadas, fora de ordem no plano espaço-tempo e as conexões necessárias para que a história exista. Além disso, há a presença de associações e interdiscursividade com o pensamento feminista eurocêntrico, pois são citados nomes de feministas conhecidas internacionalmente como a inglesa Virgínia Wolf; a francesa Simone Beauvoir; a norte-americana Betty Friedman, entre outras.

O mágico e o fantástico remetem a situações exóticas, como a fumaça do vulcão Mitre, que deixou os homens dóceis e à utopia do *Felicismo*, onde a equidade, a justiça social e o respeito pela liberdade inviolável de homens e mulheres na sociedade fossem realmente postos em

prática, onde homens e mulheres se revezavam em casa para preparar as refeições e todos estavam presentes na educação cidadã, mais conhecida como *cidadania*. A ideologia do *Felicismo* era fazer com que todos fossem felizes, vivessem com dignidade, com liberdade irrestrita para desenvolver todo o potencial humano e criador, sem que o Estado restringisse o direito das mulheres de pensar, dizer e criticar o que fosse. Isso está presente no Manifesto do *Partido da Esquerda Erótica* (PEE) dentro da obra em estudo. Abaixo, no fragmento, propõe-se uma reflexão aos homens:

Convidamos todas as mulheres a nos apoiarem e a se juntarem a nós. Convidamos os homens a refletir e recordar quem os criou e a meditar se não seria melhor ter uma mãe do que um monte de pais da pátria que, depois de todos esses anos, não fizeram nada. Unam-se ao PEE e não continuem metendo os pés pelas mãos. (BELLI, 2011, p. 90)

135

A proposta do PEE, nas palavras das participantes deste, como Eva e Martina, coloca apenas mulheres governando o país para provocar nos homens a reflexão em torno da dominação e opressão masculinas, em vez de querer mostrar que as mulheres são tão *homens*, fazendo uma autocrítica acerca da dor que as mulheres sentiram ao longo de tantos anos em decorrência do poder masculino que sempre menosprezou o cuidado, a emotividade, a sensibilidade, contrariando toda uma lógica patriarcal e dando a ideia de que é preciso tornar os homens conscientes do espaço doméstico que as mulheres sempre ocuparam no modelo patriarcal deixando de ser reconhecidas em seu trabalho, realizando, ainda, uma dupla jornada ao trabalhar dentro e fora de casa.

se tem uma coisa que este país precisa é de quem o ponha para dormir, quem o afague, quem o trate bem: uma mamãe [...] que tal então, pensarmos num partido que convença as mulheres, que são a maioria dos eleitores, de que agindo e pensando como mulheres vamos salvar o país? Que tal se, com nossa arte sedutora de mulheres e mães, sem fingir nem renunciar ao que somos, oferecermos aos homens esse cuidado do qual estou falando? (BELLI, 2011, p.82-83).

Esses são alguns dos pontos essenciais para se pensar a escritura de Gioconda Belli como um processo de reflexão acerca das questões de

gênero assumidas nas sociedades demarcadas pela dominação e pela opressão masculina.

### **Dimensões críticas utópicas e distópicas do pensamento feminista na obra *El país de las mujeres* para a América Latina**

*El país de las mujeres* é uma obra literária muito importante para se pensar acerca da crítica literária feminista latino-americana, pois, tanto neste espaço geográfico como discursivo, ainda se vive em meio a condições de profunda subordinação patriarcal, daí Gioconda Belli, se utilizar, nesta obra em particular, de uma abordagem temática que abarca os papéis de gênero no país imaginário de Fáguas como uma forma de, a partir dele, realizar um diálogo sobre as questões de gênero e classe enfrentadas neste contexto.

Gioconda Belli é uma autora viva que nasceu na Nicarágua, em Manágua, localizada na América Central, em nove de dezembro de 1948. É escritora, ativista e militante pelas causas feministas; poeta e romancista que enfrentou o período das lutas de bases esquerdistas em busca de uma equidade social em todos os sentidos, na Nicarágua. Já escreveu em torno de vinte livros, entre poesia e prosa (romances e novelas).

Em particular, como já foi dito acima, *El país de las mujeres* traz reflexões sobre a luta pela equidade de gênero e classe refletindo-se na sua produção literária pela (re)criação da utopia de um país governado apenas por mulheres conscientes de si, na esperança de conquistar a liberdade de ser o que quiser na sociedade, sem que exista o modelo patriarcal da opressão masculinista ao qual as mulheres estiveram subordinadas durante tanto tempo.

Historicamente, desde os tempos de colonização, a América Latina esteve sob o jugo do domínio europeu. O continente latino-americano presenciou massacres de populações indígenas e nativas, a imposição da religião cristã ocidental, a escravização de negros e negras e a disseminação da opressão entre homens brancos para com as mulheres negras e indígenas, como afirma Lugones:

começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano e que foi imposta sobre os/as colonizados/as

a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (2014, p. 936)

137

As escrituras de Gioconda Belli são produzidas já em pleno século XX, em meados do final da década de 1970 e início da década de 1980, denunciando a tematização dos processos ditatoriais que ocorreram na América Central, na Nicarágua, país este que concentrou uma ditadura firmada pelo discurso patriarcal. Nesta conjuntura, predominaram os modos de produção ligados ao capital estrangeiro e o poder se organizava em torno de grandes proprietários que dominavam a economia e financiavam intervenções militares. Belli traz utopias e distopias, em suas ficções, nas relações entre homens e mulheres como dispositivos críticos contemporâneos para se buscar reflexões e soluções sobre a opressão patriarcal e como o feminismo latino-americano tem lidado com isso.

Zinani (2010) comenta que a Nicarágua e a República Dominicana são modelos da ditadura latino-americana em que o desenvolvimento das exportações, responsável por possibilitar o aumento da riqueza nacional, foi canalizado para as famílias detentoras do poder, especialmente, para a família Somoza, na Nicarágua, que impôs o militarismo a partir da década de 1960 e 1970, centralizando-se no capital estrangeiro e na economia desnacionalizada, colocando em vigor ações repressivas, gerando profundo medo, horror e luto na sociedade, pois a estrutura de poder nesta região da América Central articulava-se em relação de dependência com o exterior, o chamado neocolonialismo, que não se modifica com a troca do colonizador, seja Espanha, Inglaterra ou Estados Unidos.

Belli se insere no panorama da escritura literária latino-americana como uma autora que tematiza uma literatura de vivência de mulheres e sua relação com o social e o político. Escritoras latino-americanas exploram essa vertente em obras relevantes nas quais, com qualidade literária, discutem essa realidade por diversas décadas. Isto é, assuntos considerados apenas pertencentes aos discursos *masculinos*, a exemplo da ditadura, foram, cada vez mais, apropriados pelas escritoras oriundas de países latino-americanos em suas ficções.

Entre essas obras, foram selecionadas produções literárias que tematizam o processo ditatorial no Chile, na Nicarágua, na República Dominicana, na Argentina e no Brasil, produzidas, respectivamente, por Isabel Allende (1984), Marcela Serrano (1994), Gioconda Belli (1988), Julia Alvarez (1994), Elza Osorio (1999), Luisa Valenzuela (1990), Nélida Piñon (1987) e Ana Maria Machado (1988). Enquanto o tema *ditadura* é abordado por escritores desde, pelo menos, a década de 20 (século XX), essa orientação presentifica-se no universo temático das escritoras após os anos 80, do mesmo século, quando a autoria feminina passa a ocupar espaços significativos na produção literária latino-americana. (ZINANI, 2010, p. 46) [grifo da autora]

138

A própria regulação da linguagem é posta, neste livro, de forma fragmentária, isto é, a metaficção historiográfica acontece dentro do enredo como uma maneira de transgressão ao modelo linear da própria literatura canônica, pois se mesclam nomes de jornais existentes na realidade e, ao mesmo tempo, acontecimentos inusitados numa ficção que se autoexplica pelo excesso de informações, em que o leitor ou leitora se pergunta o que é ficção e o que é realidade em *El país de las mujeres?*

Levando em consideração que na metaficção historiográfica não se reconhece o paradoxo da realidade do passado, mas sua acessibilidade textualizada na atualidade de maneira autorreflexiva –em nome de uma crítica social da ação política, que conscientiza o leitor sobre a necessidade de questionar as versões admitidas da história–, enfatiza-se a situação enunciativa presente no texto, no produtor, no receptor, no contexto histórico e social. Para Hutcheon (1991, p. 155): “a metaficção estabelece a

ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriamente, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radicais”.

A regulação da linguagem da escritura de Gioconda Belli *ameaça* as posturas tradicionalistas e patriarcais, estando, desta forma, em um *campo minado* onde facilmente se desconstroem critérios estéticos hegemônicos e heterossexuais, em que estratégias interpretativas unilaterais e hábitos de leitura pautados por visões preconceituosas presentes na crítica literária tradicionalista são extintos. Trata-se de uma busca por uma linguagem própria, um estilo, uma voz, uma estrutura apropriada para enfrentar o *campo minado* onde as críticas feministas tiveram que *dançar* para encontrar um espaço em que inserissem suas vozes e fossem, de alguma forma, ouvidas. É o questionamento dos cânones estabelecidos; dos critérios estéticos; das estratégias interpretativas; dos hábitos de leitura. “Nós mesmas como críticas e professoras” (KOLODNY, 2017, p. 217).

Desta forma, como Kolodny (2017) defende, observa-se um enfoque na variedade e diversidade de toda crítica literária feminista a fim de que haja uma convergência em uma ou mais posições favoráveis a releituras, a exemplo do que Adrienne Rich chamou de re-visão, o ato de olhar para trás, de ver com um novo olhar, de entrar em um texto a partir de uma nova direção crítica em que homens e mulheres aprendem a penetrar os universos não familiares da ação simbólica e a criticar a canonização, as realidades de poder secularmente opressivas e que foram incorporadas à linguagem, pois a teórica Kolodny concorda que nem o uso da linguagem nem sua aquisição são neutros do ponto de vista do gênero, mas imbuídos de valores culturais flexionados pelo sexo.

Os aspectos retratados na obra de Gioconda Belli denunciam de forma geral o cotidiano histórico latino-americano composto pela colonização opressiva, pelas corrupções, pelas guerras, ditaduras e opressões de toda espécie. Cypriano (2013, p. 81) acrescenta que é importante “se pensar o feminismo do Sul, o feminismo latino-americano na sua condição de dubiedade, inconsequência, desconstrução e questionamento ao *mainstream* do norte global [...] que revolucionou na década de 80 os estudos feministas”.

*El país de las mujeres* traz elementos da metaficção historiográfica, pois não há uma linearidade lógica na própria forma de contar a história. Os acontecimentos ficcionais são incorporados de uma história social e política advinda da luta feminista nicaraguense, com a presença de uma intensa autoconsciência em que a verdade e a mentira dos registros históricos se fundem dentro da obra.

Ao lado dos elementos mencionados acima, surgem outros elementos literários, como a utopia e a distopia. Deplagne (2019) afirma que as dimensões críticas da utopia, nesta obra de Gioconda Belli, traduzem-se pela tentativa de busca da harmonia, da beleza e do bem-estar social, em que o *felicismo* de *El país de las mujeres* é a grande esperança de equidade e justiça social.

Ao mesmo tempo, a distopia também está presente durante as ditaduras enfrentadas em Fátguas, antes da ascensão das mulheres ao Governo, pois, centenariamente, Fátguas viveu sob o jugo de um Governo de homens que sempre colocou a mulher em último plano na sociedade. A proposta utópica do *felicismo* em *El país de las mujeres* no Governo do *Partido da Esquerda Erótica* (PEE) se constitui como uma distopia para os homens, pois estes passaram também a ser excluídos de todas as esferas decisivas do país de Fátguas, mesmo que temporariamente, como consta na narrativa.

A distopia da ditadura de cem anos contra as mulheres de Fátguas durante os governos militares formados por homens e, ao mesmo tempo, a distopia produzida contra os homens após a chegada de Viviana Sansón nas eleições democráticas produzem uma narrativa de “textualidade híbrida, politicamente carregada, uma vez que se trata de uma narrativa que cria possibilidades críticas e antecipação utópica no texto distópico” (MOYLAN, 2016, p. 80).

Portanto, se, nas variadas formas de utopia, o apogeu dos espaços utópicos se dá por uma relativa satisfação e bem-estar dos envolvidos; nas distopias, o caráter de ressentimento, melancolia e pessimismo é bastante forte, criando uma sensação interna na narrativa de ansiedade, raiva e inquietação por alguma forma de injustiça demonstrada pelas atitudes dos/das personagens políticos/as, que são apresentados/as em um enredo

sem linearidade e em que o próprio espaço e o tempo estão imersos por uma sensação de desconforto, ora para os homens, ora para as mulheres. Essa sensação distópica para os homens, em *El país de las mujeres*, constitui-se como uma provocação para a reflexão sobre os papéis de gênero e sobre a problemática que a luta sexista promove.

As estruturas utópicas, nesta obra em particular, parecem se configurar pela construção do *felicismo* para as mulheres, que lutam há séculos pela equidade entre as manifestações de equidade de gênero na sociedade; já as estruturas de espaços distópicos parecem se configurar quando as mulheres do *Partido da Esquerda Erótica* (PEE) determinam a extinção temporária de todos os cargos públicos para os homens, considerando-se que no passado as mulheres sempre foram excluídas do espaço público. Essa exclusão dos homens da vida política, administrativa e militar, assim como o destino deles apenas para a vida privada, espaço este que sempre fora destinado à mulher, produz um espaço distópico para eles, que se sentem ressentidos e excluídos assim como fora com as mulheres no passado.

141

Percebe-se uma inversão de espaços: o espaço público agora pertence à mulher e o espaço privado, ao homem, com a finalidade de produzir a consciência de que é preciso fazer surgir, de fato, a equidade de gênero e classe para homens e mulheres. Fazer o *outro* experimentar uma outra face da moeda, colocando o homem no lugar que a mulher sempre ocupou dentro de casa, como aquele que também tem responsabilidade em cuidar dos filhos, filhas e da esposa, ao passo que a mulher ocupando, única e exclusivamente, o espaço público de administração e gestão, também sente as dores de administrar uma nação, as renúncias pessoais de ter que se afastar de casa e de seus filhos ou filhas para se focar apenas na gestão governamental, assim como sente as *artimanhas* da política e suas consequências por ter que participar ativamente e se expor de forma evidente nas principais decisões do seu país.

De acordo com Perrot (1998):

Pela autoridade consuetudinária, considera-se a divisão entre os espaços público e privado com seus respectivos ocupantes, atribuindo-se o público ao masculino, cabendo

o privado ao feminino. A localização do homem no espaço público é privilegiada, uma vez que está subjacente uma investidura específica, uma função oficial, porém, no momento em que as mulheres assomam a esse espaço, ele se transfigura, desestruturando-se o lugar que pensa. (PERROT, 1998, p. 08)

Neste sentido, a diferença que orienta o domínio espacial de homens e mulheres foi praticada, repetidamente, como um costume naturalizado, como a única verdade de que o lugar das mulheres, de acordo com a tradição, é o espaço privado, destinado apenas aos cuidados da família e das coisas domésticas, daí, pode-se entender o porquê da criação utópica do *felicismo* na obra *El país de las mujeres*, pois é uma tentativa de desconstruir essa naturalização do espaço público sempre pertencente aos homens. Quando ocorre a ruptura desse paradigma masculinista e as mulheres se apropriam do espaço, mesmo sendo chamadas de *loucas*, *desafiadoras* e *abusivas*, conquistando os espaços públicos, seja na política, na literatura ou na imprensa através da influência da palavra, do conhecimento e da persuasão, há uma sensação de liberdade, de rompimento e de conscientização dos papéis de gênero, pois não é necessária a divisão binária de papéis de gênero e de sexo, e, sim, a conscientização de que a construção da equidade de gênero se dá pela consciência de uma equidade de gênero.

142

### Considerações

Diante do que foi visto, percebe-se que a realidade imaginária, (re)criada e (re) visitada na obra *El país de las mujeres*, tem o compromisso literário de promover reflexões com vistas para uma mudança social que visa a equidade de gênero e classe social. Tal mudança é construída a partir do momento em que as mulheres tomam consciência disso, unem-se, formam um partido cuja utopia do *felicismo* tem a liderança de mulheres como Viviana Sansón, Eva Salvatierra, Martina Melendez, Ifigênia Porta, Juana de Arco, entre tantas outras, que se unem em prol da libertação da dominação masculina e, ao mesmo tempo, o espaço distópico que essa mesma luta feminista também produz quando coloca em xeque as condições dos homens, fazendo uma dupla reflexão acerca da luta de equidade de

gêneros: “Mandar os homens para casa e afastá-los do serviço público estatal. Admito que foi uma medida extrema” (BELLI, 2011, p. 219), mas que foi a única possibilidade de se produzir a consciência de equidade de gênero.

Assim, as escrituras utópicas e os espaços distópicos produzem um estranhamento, nesta obra de Gioconda Belli, na medida em que “realidade e possibilidade estão interconectadas, levando a uma transformação das estruturas sociais e das capacidades daqueles que habitam, produzem e reproduzem” (LEVITAS, 2013, p. 140-141) no país imaginário de Fáguas, assim como, na América Latina, onde a opressão e a dominação masculina ainda se constituem como um grande peso para as lutas feministas.

**REFERÊNCIAS**

BELLI, Gioconda. *O país das mulheres*. Tradução Ana Resende. Campinas: Verus, 2011.

CYPRIANO, Breno. “Construções do pensamento feminista latino-americano”, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, jan-abril 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/02.pdf>. Acesso em: 2-11-2020.

DEPLAGNE, Luciana Calado. "Ironia e subversão em duas utopias protofeministas: A cidade das damas e o sonho da Sultana". In: CAVALCANTI, Ildney (et al.). *Trânsitos utópicos*. Maceió: Edufal, 2019.

HUTCHEON, Linda. “Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado”. In: \_\_\_\_\_. *A poética do pós-modernismo, história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 141- 162.

KOLODNY, Annette. “Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista”. Tradução Rita Terezinha Schmidt. In: BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTI, Ildney; COSTA, Cláudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli. *Traduções da Cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p.216-261.

LEVITAS, Ruth. *Utopia as method: the imaginary reconstitution of society*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

144

LUGONES, Maria. “Rumo a um feminismo descolonial”, Tradução Juliana Watson e Tatiana Nascimento, *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MOYLAN, Tom; CAVALCANTI, Ildney; BENÍCIO, Felipe. *Distopia: fragmentos de um céu límpido*. Tradução Felipe Benício; Pedro Fortunato; Thyrone Ibsen; Maceió: Edufal, 2016.

PERROT, Michele. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

**Resumo:** A vingança das mulheres em torno da extinção dos homens na governança de um país traduz-se na dor sofrida e ocasionada pelo sistema patriarcal da ditadura enfrentada na Nicarágua. Questiona-se, nesta breve pesquisa bibliográfica, a equidade de gêneros como uma construção utópica e a distopia da exclusão dos homens em todos os espaços públicos, caracterizando-se como uma luta sexista e binarista. Incluem-se Moylan; Cavalcanti (2016); Levitas (2013), entre outros autores fundamentais para este estudo.

**Palavras-chave:** Utopia; Distopia; Estudos de Gênero; Crítica Literária Feminista.

**Abstract:** The revenge of women around the extinction of men in the governance of a country, is reflected in the pain suffered and caused by the patriarchal system of the dictatorship faced in Nicaragua. In this brief bibliographic survey, gender equity as a utopian construction and the dystopia of the exclusion of men in all public spaces are questioned, characterized as a sexist and binary struggle. Included are Moylan; Cavalcanti (2016); Levitas (2013), among other key authors for this study.

**Keywords:** Utopia; Dystopia; Gender Studies; Feminist Literary Criticism.

Recebido em: 17/08/2020

Accito em: 14/10/2020